

# AQUELES MARCADOS



B · PAZ FERREIRA

AQUELES  
MARCADOS  
O SINDICATO



I

Copyright © 2023 Breno Da Paz Ferreira

REVISÃO E DIAGRAMAÇÃO: B. Paz Ferreira

DESIGN E ILUSTRAÇÃO DE CAPA: Marianna Correia

Publicado independentemente por B. Paz Ferreira

[www.bpazferreira.com.br](http://www.bpazferreira.com.br)

Instagram: [@bpazferreira](https://www.instagram.com/bpazferreira)

E-mail: [contato.bpaz@gmail.com](mailto:contato.bpaz@gmail.com)

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Ferreira, B. Paz

Àqueles marcados [livro eletrônico] : o  
sindicato / B. Paz Ferreira. -- Jundiaí, SP :  
Ed. do Autor, 2023. -- (Àqueles marcados ; 1)  
ePub

ISBN 978-65-00-72736-4

1. Ficção brasileira I. Título. II. Série.

23-161323

CDD-B869.3

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Ficção : Literatura brasileira B869.3

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

*Todos os direitos dessa publicação estão reservados à Breno Da Paz Ferreira — autor independente —, não devendo ser reproduzida ou transmitida sob quaisquer meios sem o devido consentimento do autor.*

**Àquele que, infelizmente, nos deixou,  
meu mais velho amigo,  
David.**

**Eu estava, enfim, começando a te conhecer de verdade,  
meu caro.**



# Sumário

Prólogo	8
Déjà vu	10
Desfecho	20
Então, o chamado	26

# Prólogo

**Bom dia**, flor do dia! Preparado para o *pior dia da sua vida*? — era o que eu queria ter dito para o eu de três meses atrás.

Se eu tivesse a chance de voltar no tempo, mesmo que brevemente, como naqueles filmes clichês em que só se consegue dizer meia frase, impactando o você eu do passado em *absolutamente nada*, faria mesmo assim.

Seria só pela experiência também, admito. Afinal, eu era mesmo um cético teimoso.

Mas, *quem sabe* eu não me atentasse um pouco mais?

Não que eu pudesse fazer algo para impedir o que estava por vir, mas talvez facilitasse de alguma forma as coisas, além de prevenir algumas situações... embaraçosas. Contudo, nada poderia alterar o rumo dos acontecimentos, aquele ainda seria o (até então) *pior dia da minha vida*.

Talvez pense: “Nossa, *que exagero*”, ou até — se for desses com complexo altruísta, ou um psicólogo — “É normal que as pessoas digam isso quando são demitidas, sofrem acidentes ou têm o coração partido pela pessoa amada. Não é o fim”.

Ou talvez você simplesmente não pense nada. Estas são apenas palavras sem sentido ou qualquer aparente propósito, escritas por sabe-se lá quem, de sabe-se lá onde. Páginas e mais páginas de um conto delirioso que, para *você*, pode ser que não faça sentido algum.

Mas não perca o interesse ainda, pois *quem me dera* estar exagerando. Era sim o fim. O fim da minha não *tãaa*o feliz, porém pacífica — e suficientemente satisfatória — vida ignorante.

Também, não havia nada de normal sobre a situação, e especialmente não havia nada de normal sobre mim — *sim*, mais um desses. É que eu sou *diferente, saabe?* (Leia-se *chato pra cacete*.)

Exceto que, no meu caso, eu realmente sou — *sim, mais uma* dessas histórias, e sim, apenas declarar isso não torna tudo obrigatoriamente mais interessante. Francamente? Não posso garantir que não vá sentir que já viu essa história antes, mas é apenas porque às vezes, acredite ou não, a vida não é tão distante do que vemos na televisão. (*Às vezes*.)

Enfim... Meu nome é Hayne, Johnathan Hayne, um adolescente de dezessete anos da pequena, mas nada pacata cidade de Mount Summer, na Califórnia, escondida ao sul entre florestas e a montanha carregando o nome da cidade.

Essa é a história de como a minha vida virou totalmente do avesso, descarrilando cada vez mais depois.



## Déjà vu

**O dia começou normal.** Acordei ao som do subúrbio: pássaros cantarolando; jardins sendo irrigados; cumprimentos entre os vizinhos que acordavam logo cedo para correr ou caminhar com seus cães, seus donos coagidos a conversar conforme os pets interagem com curiosidade; além do velho Joe, lavando seu precioso El Camino na casa à frente.

Sentada à calçadeira da cama, minha mãe me observava com gentis olhos azuis que reluziam diante a luz invadindo o quarto pela janela aberta, a luminosidade ressaltando as suas sardas — que a garantiam um aspecto ainda mais delicado.

De maneira simples, porém autêntica, ela sorria — e como sempre, era contagiante.

Com o cabelo ruivo amarrado num rabo de cavalo, vestia uma blusa preta de abotoar e um jeans claro amarrotado. Em suas mãos segurava uma bandeja com o café da manhã, tradição das manhãs de aniversários.

— Bom dia — cumprimentou.

— Bom dia, *dona* — provoqueei. Ela odiava ser chamada assim. — Café da manhã na cama... Alguma data especial e eu me esqueci?

Ela fez uma careta.

— Ha-ha.

O sorriso, por fim, me venceu.

— Feliz aniversário, filho.

— Obrigado.

Ajeitando-me à cama, alcancei a bandeja.

Não era nada muito extravagante. Em cima havia um copo com leite, uma tigela com ovos mexidos e tiras de bacon, além de dois pães de forma com pasta de amendoim cortados na diagonal.

— Tive que me virar com o pouco que sobrou na despensa — disse ela. — Seu pai e eu vamos reabastecer a casa hoje à tarde. Aí já vejo as coisas para aquele bolo que gosta.

Assentindo, sorri novamente.

— Se você insiste... — fingi indiferença.

Esfregando os olhos, bocejei.

— Chegamos tarde de viagem ontem, não foi? Conseguiu descansar o suficiente?

— Consegui sim — respondi.

Sentindo o cheiro do bacon recém assado, eu despertava aos poucos, seduzido.

Mordendo, murchei à cama.

— Então, dezessete anos... — falei, tomando o leite. — Já faz um ano que posso tirar habilitação. Não comentei nada por respeito, queria que fizessem no seu próprio tempo, mas aqui estamos... *um ano depois*. Eu até consegui guardar algum do dinheiro que fiz no último verão, mas para um *carro*? — Balancei a cabeça negativamente.

Voltando a atenção para o bacon, olhei disfarçadamente para ela, que erguendo uma sobrancelha, disse:

— Sabe que seu pai e eu também lembramos de uma coisa quando completou seus dezesseis anos? — disse ela. — Caramba! Dezesseis já é uma boa idade para trabalhar e ajudar com as contas de casa, não? Mas aqui estamos, *um ano depois*.

— Ei! Foram vocês que decidiram ter um filho! — rebati. — Já deviam saber disso, chega um momento na vida de todo pai onde seu filho o inferniza pedindo um carro.

Indignada, minha mãe bufou.

— Já não sofremos o suficiente com a puberdade? Queríamos nosso garotinho, não isso — apontou para mim, balançando a cabeça em reprovação. — Adolescentes...

Dei de ombros.

— Nossos anos dourados... E olha que eu ainda te fiz o favor de pular a fase rebelde. *Mas*, pode ser que eu repense sobre isso se *os dois malas dos meus pais não me derem um carro!* — fingi resmungar.

Rindo, ela voltou sua atenção até um canto remoto do quarto, como se considerasse.

— Quem sabe... — disse ela, suspirando — no caminho para a escola, você não ache uma loja com uma plaquinha de “*Precisa-se de ajudante*” na frente.

Arqueei as sobrancelhas.

— *Ouch...*

Sorrindo, ela levantou.

— Vamos, se apresse com o café. Se sair cedo, talvez ainda volte um rapaz empregado para casa hoje — implicou. — Seríamos os pais mais orgulhosos do mundo.

Com deboche, ri.

— Querem tanto assim se ver livres de mim?

Observando-me fixamente, seu sorriso vacilou por um instante.

Caminhando até mim, ela levou a mão até minha cabeça, bagunçando o cabelo como quando eu era criança.

— Nunca — respondeu.

Eu ainda sorria. Porém, notando o quanto ela se empenhava para manter a expressão, perdi a minha, piscando com seriedade.

— Mãe?

Respirando fundo, ela expirou.

— O que, bobo? — disse, descendo com a mão até o meu rosto. — Vocês realmente crescem rápido.

Caminhando para a porta, minha mãe olhou para mim brevemente outra vez, como quem dizia tchau para o filho que deixava a casa dos pais.

Engoli.

Ela não estava me emancipando por acaso, estava?

Mordendo o pão sem entender, ouvi um ronronar à esquerda.

Virei de encontro à minha gata se espreguiçando à almofada — já coberta por pelos.

— Bom dia, Rach — cumprimentei a gata.

*Sim, de Rachel.* Porém, em minha defesa, eu tinha cinco anos e uma prima — Tessa Hayne — viciada em *Friends*. Durante os anos em que morou conosco era tudo o que ela assistia — além de, é claro, seu favorito na época: *Diário de uma Paixão*.

Passada para mim como um presente de aniversário, a gata, de longos e sedosos pelos dourados — além de belos olhos esmeralda que pareciam sempre me observar —, tinha origem do Japão. Segundo meu tio — um próximo e antigo amigo da família —, Takeda Kōsei — na ordem original —, eu deveria tomar conta dela, pois ela faria o mesmo por mim, iria me proteger. Quando eu tivesse pesadelos e acordasse assustado, ela estaria do meu lado, para me salvar dos monstros. Ou pelo menos é o que minha mãe diz, eu tinha cinco anos, afinal. Estava mais interessado em puxar a cauda da felina — que passou por altos perrengues na minha mão, até meus pais finalmente conseguirem me fazer entender que estava “sendo maldoso”.

Naturalmente, ela demorou a gostar de mim.

Apesar da idade, Rachel tinha uma aparência nova. Na verdade, ela nunca pareceu mudar muito com o passar dos anos, se quer cresceu ou teve qualquer mudança de peso, mesmo comendo horrores. Como o dono, a gata era um poço sem fundo, ninguém sabia dizer para onde ia tanta comida.

Enfim tocando o despertador, voltei a realidade.



Terminando de comer, tomei banho e me troquei, parando em frente ao espelho do canto do quarto.

De aparência comum, eu era um garoto muito alto para a minha idade — para mais de um metro e oitenta —, o que, por si, já era um dos principais motivos para eu evitar espelhos, já que, fato curioso, pessoas altas não se sentem *tão* altas assim. Para nós, temos um campo de visão “normal”, não vemos *muito* acima. E, é só quando nos encontramos na frente de um espelho — principalmente se acompanhados por alguém menor — que cai a ficha de que somos *realmente* altos. E, se por acaso for magricela como eu, daí fica *verdadeiramente* estranho, parecendo um desengonçado, daqueles que se deve atentar para não perder em meio a uma ventania mais forte.

Beirando os setenta quilos — que para minha altura, era *pouco* —, não era à toa que até algum tempo atrás, os alunos da aula de biologia “fingiam” me confundir com nosso esqueleto do laboratório, cujo apelido era *Johnny*.

De pele parda, eu tinha um cabelo preto vivo de sinuosos fios lisos que, volumosos, ondulavam quando grandes, de um modo a me deixar parecido com um ator dos anos 80. Minha mãe insistia que ficaria legal deixar crescer, mas eu não teria a paciência para isso *ou* os novos apelidos que Owen criaria. Preferia como estavam agora, curtos e com um simples penteado da direita para a esquerda — como acostumara a fazer desde criança.

Quanto ao meu rosto... bem, apesar dos dentes da frente um pouco desalinhados, não era de todo ruim, apenas bastante padrão, com exceção dos cílios grandes e um par de sobrancelhas grossas.

Castanhos, meus olhos eram a minha única peculiaridade. E sim, *castanho é o tipo de olho mais comum e blá-blá-blá*. Inclusive, compartilhando do pensamento por um tempo, eu mesmo nunca reparara neles muito bem. Isso é, até alguém especial destacá-los para mim, para como, além de excepcionalmente claros, ainda possuíam um certo... brilho.

Por fim, vestia uma camiseta cinza de manga comprida básica, jeans e um tênis preto esportivo — eu só usava estes, me serviam bem já que adorava correr.

Suspirando, procurei meu celular, xingando ao encontrá-lo à cama sem bateria.

Então lembrei que conversava com Owen antes de dormir. Devia ter caído no sono.

Colocando o aparelho para carregar sobre a cômoda, observei uma pequena caixa de madeira ao lado, com as iniciais J.+M. entalhada à tampa.

— Quase um ano já...

Pegando a mochila e bandeja, segui para a escadaria e, descendo, deixei a bandeja sobre a bancada da cozinha, à esquerda da porta.

Acenei para minha mãe, que lavava a louça com seu avental preferido — que eu lhera muitos anos antes —, onde estava bordado: *Cuidado! Melhor mãe do mundo em ação!*

Levando a mão à maçaneta, parei, recuando.

— Ei — chamei, apoiando-me à bancada —, sobre mais cedo... Sabe que eu vou ser um desses filhos vagabundos que deixa a casa dos pais aos vinte e cinco, né? — perguntei a ela. — O que, na verdade, todo mundo sabe que significa trinta anos, que, *por sua vez*, é basicamente trinta e cinco. Mas não quarenta, aí já é abusar.

Ela riu.

— Só aí, hã?

Assenti.

— Não vai se livrar de mim tão fácil.

Sorrindo, ela me estudava.

— Será mesmo? — questionou. — Tenho a impressão de que não vai demorar tanto assim para uma garota vir te roubar de mim de novo.

Piscando, ela perdeu o sorriso, e, por um instante, houve um silêncio constrangedor.

— É melhor se apressar para a escola — disse ela primeiro. — E manda um beijo para o Owen por mim.

Erguendo uma sobancelha, fitei ela.

Ela revirou os olhos.

— Tá, eu *mesma* faço. Vocês provavelmente vão vir para cá depois, não é?

Dei de ombros.

— Provavelmente — falei, deixando a casa.

Minha escola, a Mount Summer High School, não ficava muito longe dali, apenas perto o bastante para ir caminhando. Uma caminhada de uns vinte minutos.



A M.S.H.S., como tantas outras, era apenas um extenso edifício de dois andares cor de tijolo, com bancos de madeira sobre um caminho pavimentado levando à entrada de várias portas. Porém, bem cuidada, a escola tinha todas as vidraças limpas, um gramado verde vivo e árvores grandes e saudáveis, onde alunos sentavam à sombra.

Num dos bancos para a entrada, estava meu melhor amigo, Owen Blake, que há uma semana — desde as férias de primavera — eu não via pessoalmente.

Com uma pele mulata e cabelo preto crespo cacheado, seu rosto era rechonchudo e, apesar das acnes às bochechas e testa, tinha a aparência de um bebê gigante — o que se dava ao fato de ele ainda ter praticamente o mesmo rosto que o de quando nasceu, tendo apenas esguichado de tamanho.

Com quase a minha altura e — ao contrário de mim — ligeiramente acima do peso, Owen tinha um gosto questionável para roupas, vestindo naquele momento: uma camisa havaiana vermelha, calça caqui e um tênis Converse vermelho.

Embora estivesse notoriamente empolgado, suas usuais olheiras de sono cercavam os olhos castanho escuro.

Me aproximei sem que ele percebesse, mas porque *ele* estava muito distraído sorrindo para um folheto com o mapa das salas e horários das aulas.

— Uma semana e já esqueceu nossas aulas?

Ele pulou de susto.

— *Cara...* — resmungou ao perceber que era eu. — *Cara!* — corrigiu ao *perceber* que era eu, e dessa vez, levantando com entusiasmo. — *Você não sabe!*

— Ih a lá — falei.

— O quê?

— E não é que eu não sei mesmo.

Revirando os olhos, Owen me encarou.

— Deixa eu falar — reclamou. — Então, eu estava aqui sentado te esperando...

De repente, sentindo um ligeiro arrepio às costas, pisei para o lado, como em reflexo, enquanto que Owen, animado, não viu se aproximarem até esbarrarem com força nele.

Franzindo a testa, ele virou para o sujeito.

— Leva junto, ô! — gritou, tornando para mim. — Esse cara... Nem pediu desculpas.

Observei o garoto conforme ele caminhava até a entrada.

De estatura alta, físico robusto e vestindo uma camisa de flanela azul, ele era familiar.

— Talvez ele não tenha nem sentido — falei, mas sem realmente acreditar, visto que o calçamento não estava *exatamente* cheio, sem contar aquela sensação...

Quem quer que fosse, parecia mesmo estar mirando em nós.

— É, talvez... Bom, como eu estava dizendo — retomou, recuperando rapidamente seu brilho —, eu estava aqui te esperando quando essa garota tropeçou em mim... Bem, no meu pé estirado.

Ah sim, um problema recorrente com pessoas altas — é cansativo ficar com as pernas recolhidas o tempo inteiro.

— Tá, tá, já sei, ela tropeçou e aí você a segurou — tentei adivinhar. — Seu estrelato na comédia romântica da vida.

Owen bufou.

— Não... Ela caiu mesmo.

Contive o riso.

— Você também não dá uma dentro.

— Eu estava no celular! — retrucou. — Por sorte estava cedo, tinha quase ninguém além das duas pessoas que viram. Mas o negócio é, apesar do constrangimento, ao invés de ela me xingar, começamos a *conversar*. Foi então que ela me disse que era nova na escola, e entrando para o terceiro ano também! — contou com empolgação. — Perguntei das aulas para ver se teríamos alguma juntos e ela me mostrou isso! — Ele ergueu o papel, perdendo a expressão logo em seguida.

— Que você não devolveu — notei.

Piscando em confusão, seu braço com o folheto caiu.

Ri, típico do Owen.

— Então? Alguma aula em comum com a gente? — perguntei.

— Três — respondeu, conferindo. — História, Economia e Educação Física.

Dobrando o papel, ele guardou ao bolso da calça.

— Quando você a vir, cara... — Owen suspirou. — De verdade, acho que nunca vi alguém tão linda.

Cruzando os braços, eu o fitei, entretido com sua expressão apaixonada.

— Mesmo?

— Sim... — respondeu distante, os olhos brilhando. — E não é só a aparência, mas como ela era educada, sabe? Mesmo as roupas tinham uma certa... elegância?

Ergui uma sobrancelha.

— Glades? — perguntei.

— Provável.

Assenti.

— Alguém tá mirando alto — provoqueei. — E qual o nome?

Owen franziu a testa.

— O nome dela... o nome dela...? — esforçou-se mais. — Que coisa, não perguntei.

Arqueando as sobrancelhas, balancei a cabeça, besta.

— Você não...? — Empurrando ele, ri. — E para onde ela foi?

— Ela, hum... ela disse que ainda tinha algum documento pendente na secretaria. E, só para você saber — acrescentou. — Eu poderia ter ido mostrar o caminho, mas escolhi ficar e te esperar como sempre, para você não... se perguntar onde eu estava, ou sei lá.

Com desdém, o fitei. Nem mesmo ele acreditava naquilo.

— Por mim, hã? Não é porque ia hiperventilar por conversar por muito tempo com uma garota? — caçoei. — Afinal, quanto tempo faz isso e você ainda está suando.

— *Estou?! —* Ele levou a mão a testa, mas estava seca. — Vai se ferrar, John.

Ri.

— Aproveitando — disse ele, preparando-se e me socando o mais forte que pôde.

Olhei para o braço que ele atingiu.

— Era para doer?

Owen deu de ombros.

— Nunca dói em você tanto quanto em mim. Feliz aniversário.

Ah é... Sobre isso, vamos lá, existe algo que precisa saber sobre Owen e eu: nós dois tínhamos uma tradição estúpida.

*Tudo começou* há nove anos, no meu aniversário de oito anos, quando por um motivo tão bobo que até me escapa a memória, o pequeno Owen se encontrava zangado com o pequeno John. Assim, meu pai, buscando reparar nossa amizade, disse: “Por que vocês não inventam algo que vão se lembrar para sempre? Como uma tradição de amigos”. E, encontrando uma desculpa para me bater, *Owen* surgiu com isso, enquanto que eu, tão malandro quanto uma criança podia ser, não reclamei.

Okay, não era nada *tão* esquisito assim, algumas pessoas têm desses costumes, como bater uma vez para cada ano no aniversariante, variando para beliscões ou até puxões de orelha em alguns lugares. O ponto é que, o nosso lance era mais simples, apenas *um* soco, mas com tudo que tiver.

Infelizmente para Owen, seu plano saíra pela culatra, já que eu sempre fora mais forte que ele — que todas as outras crianças, na verdade. E, digamos que a maneira como eu descobri isso não havia sido exatamente... *convencional*, tipo tirando braço de ferro.

Verdade seja dita, eu não era uma das crianças mais pacientes. Hiperativo desde que aprendera a andar — como contava minha mãe —, eu não levava desaforo para casa, tendo tido minha cota de confusões como encenqueiro mirim.

Também não ajudou que eu costumasse ser uma criança gordinha. *Sim*. Às vezes nem eu conseguia acreditar, mas meu álbum de infância — o qual minha mãe adorava mostrar para *qualquer um* — era uma prova irrefutável. Agora magro desse jeito, era como se eu tivesse nascido para sofrer bullying.

Felizmente, o ensino médio não era *totalmente* composto por acéfalos como eu temia. E, como era habilidoso, logo me juntei ao time de basquete da escola, o que me rendeu um pouco de popularidade, ainda que eu preferisse não socializar, mas evitar atenção, me esgueirando pelos corredores tentando não ser notado. A ironia.

Ao som do sinal da primeira aula, o restante dos alunos ao nosso redor começou a entrar, esvaziando a entrada de pouco em pouco, espalhando o silêncio.

— Pronto para perder o fôlego? — perguntou Owen. — Só não vale passar a perna.

— Eu? — Ri. — Manos antes das minas, certo?

Passando pelos armários, seguimos corredor adentro para a sala de história, onde nosso professor, Sr. Patrick, aguardava os alunos à porta.

— Sabem que o sinal de cinco minutos não significa que *precisam* levar cinco minutos para entrar, certo? — disse ele para os alunos à frente. — O mesmo para vocês.

Caminhando por ele, Owen e eu reviramos os olhos.

O Sr. Patrick era daqueles típicos professores que faziam de tudo para dificultar sua vida, apontando o menor dos erros, sempre lá para o menor passo em falso, só para ser aquele que dá o sermão, como um hobby — um bem esquisito.

Com um metro e sessenta, ele era um homenzinho carrancudo de quarenta e poucos anos que vivia recluso inclusive dos outros professores, conversando apenas o necessário, como relatórios ou quando um aluno pisava feio na bola.

Usava a mesma roupa de sempre: o uniforme dos professores da escola — uma camisa social azul com as siglas M.S.H.S. bordado sobre o coração —, acompanhado por calça e sapatos sociais de tons escuros, além de seu blazer folgado, que vivia apoiado à cadeira.

Como com os alunos, os professores não precisavam usar o uniforme da escola — a não ser em competições estudantis e passeios escolares — mas, sem surpresa alguma, é claro que ele faria questão.

Para piorar seu caso, ele também não tinha lá o rosto mais convidativo. Diferente de, por exemplo, meu pai, que historiador, também adorava ensinar, já tendo até lecionado. Estudar com ele era empolgante, desde a maneira como contava as histórias, até a visível paixão em seus olhos ao fazer. E olha que eu estava falando do *meu pai*. Pais professores eram tipo, o *pior* inimigo de um adolescente do ensino médio.

Já olhando para o Sr. Patrick eu tinha vontade de morrer. Com uma cara lisa, ele não possuía uma única ruga ou linha de expressão, como se nunca tivesse rido ou sorrido na vida. Parecia um robô sobre um penteado estilo mauricinho, com aquele cabelo liso cor de areia sem graça e olhos castanhos sem qualquer brilho.

Eu até que sentia um pouco de compaixão por ele. Não tinha ideia do que o deixara com aquele rosto amargo e atitude severa — se é que ele não foi sempre assim.

Por fim, procurando meu lugar, eu a vi, a garota a qual Owen havia mencionado.

Surpreendentemente, ele não estava exagerando, a garota era *realmente* linda.

De aparência meiga, tinha um corpo esguio e uma pele clara, cabelo loiro liso de raiz escura como as sobrancelhas naturais, quanto aos olhos? Possuíam uma mistura linda de cores, essencialmente era um azul-esverdeado, além de um visível dourado à pupila.

Vestindo um casaco claro sem mangas, blusa branca por baixo, calça moletom preta e bota bege, ela ainda usava luvas preto fosco cobrindo desde o antebraço até a palma, com apenas os dedos amostra — que, no momento, batiam ociosamente na mesa.

Fitei-a sem perceber.

Devia ser a primeira vez que eu via alguém usando luvas como aquelas.

Bonita, a garota estava bem-vestida, e, além disso, estava *muito vestida*, pelo menos para uma cidade de clima mediterrâneo como Mount Summer.

Talvez viesse de algum estado mais ao norte?

— Sr. Hayne? — Sr. Patrick chamou minha atenção. — Ainda parado aí?

Risinhos correram a sala.

— Desculpe, eu... ahn, eu não esperava alguém na minha mesa.

Colocando os óculos que descansavam ao bolso da frente da camisa, ele assentiu.

— Sim, é claro, a aluna nova — notou. — Qual seu nome, minha jovem?

— C-charlotte — apresentou-se, desprevenida. — Você quer que eu saia?

— *Não*, não precisa — falei, quase gaguejando. — Eu sento no fundo.

Me dirigindo até lá, observei-a conforme passava por ela, sobre uma forte impressão de já tê-la encontrado antes.

Charlotte sorriu sutilmente para mim, o que, somado a uma sensação quente ao peito, fez meu coração acelerar. De repente, tive um *déjà-vu*, do seu sorriso especificamente, que surgiu como um flash em minha mente.

Engolindo, chacoalhei a cabeça.

Para meu azar, tive que sentar na última mesa, ao lado do aluno mais pé no saco dali. Brice Anderson, um brutamente despreocupado que só estava ali para conseguir alguma nota para continuar no time de lacrosse. Contudo, para sorte de Owen — ou não —, sua mesa era logo ao lado da de Charlotte. E, feito um bobo, ele olhava para ela.

— Acho que esqueceu isso aqui — disse ele, entregando o folheto da garota.



Então, mais devagar do que de costume, a aula passou. Durante, o Sr. Patrick acabou tendo que chamar a atenção de Owen duas vezes para que prestasse atenção à lousa e não à Charlotte. A primeira já ao início, interrompendo sua conversa. A segunda quando ele o flagrou em uma das *várias* vezes que Owen desviara o olhar à garota:

— Por favor, olhos à lousa, Sr. Blake.

Enquanto que alguns assistiam a inconveniência dele como a um show de comédia, para mim era apenas tortura. A vergonha alheia era simplesmente muita. Parecia até que eu tinha que sentir vergonha por mim e ele. Some isso ao fato do Brice fazendo alguma coisa para chamar minha atenção a cada minuto, e você tem a receita do meu inferno.

*Sério*, quando não jogava pequenos pedaços de borracha em mim, o *brucutu* fazia barulhos com a boca, como se me chamasse:

— *Psiu*.

Assim que eu o olhava, ele desviava o olhar, às vezes me encarando de volta, como se dissesse: *O quê? Eu não te chamei*.

Eu só queria esganá-lo.

Quando o sinal finalmente tocou, todos levantamos e saímos.

Rapidamente, alcancei Owen antes que todos da sala concluíssem que ele era algum zumbi sedento por garotas meigas, tímidas e bonitas.

— Cara, *o que* foi aquilo? — questionei, perplexo com tanta indiscrição. Aquilo havia sido uma novidade até para mim.

— Aquilo o quê?

*Sério que você está me perguntando isso?* Perguntou minha expressão por si só.

— Você *secando* e babando pela Charlotte a aula inteira.

Owen arregalou os olhos.

— Sério? — perguntou, realmente surpreso. — Acha que os outros notaram? Espera, acha que *ela* notou!?

Incrédulo, eu o estudei.

Bufei.

— Bom, sobre o restante da sala, não há dúvidas. — A quantidade de comentários e risos simultâneos não podiam ser sobre outra coisa. — E é bem possível que o Sr. Patrick também. Mas, respondendo o que você *realmente* quer saber, talvez haja uma *mínima* possibilidade de que Charlotte não tenha reparado — falei, não tão sincero.

Aliviado, ele suspirou.

— Menos mal.

— Sim... — falei, descrente. — Mas se continuar assim, certeza que não vai demorar muito para ela notar.

Assentindo, Owen ponderava, provavelmente tentando reviver as cenas à sua mente e descobrir se eu não estava exagerando.

— Estava tão na cara assim? — perguntou por fim, ingênuo.

Assenti firmemente.

— Se eu tivesse que descrever sua expressão, seria algo entre... — Expandindo mãos e braços, inclinei para trás como se para visualizar algo. — Primeira paixão e a primeira espiada num par de peitos. A maneira como você não consegue parar de olhar, mas tenta disfarçar desviando a atenção vez ou outra, sabe?

Descansei uma mão sobre seu ombro.

— Quê? — questionou. — Está dizendo que era como eu estava? *Por que* eu estaria assim?

Franzi a testa.

— E eu que sei? — falei, tentando não rir.

— Não tem graça.

— Ah, mas *tem sim*.



Dois

## Desfecho

**Para o segundo período**, tínhamos Economia.

— Então, como foram as coisas com seu pai hoje de manhã? Mais alguma tentativa de... ergh, *aproximação*? — perguntei, dizendo como se fosse a pior coisa do mundo.

Trocando os materiais, Owen revirou os olhos.

Fechando meu armário, insisti:

— É como eu te disse ontem, ele só deve sentir saudades sua, de como costumavam ser antes, por isso tem tentado cada vez mais. Afinal, vocês *eram* bastante próximos.

Desviando o olhar, Owen tossiu.

— Quer dizer ontem, quando do nada você parou de me responder? — perguntou.

Esquecendo daquilo, arqueei as sobrancelhas.

— É... foi mal, eu caí no sono — confessei.

Ele riu.

— Imaginei.

Ignorando as outras pessoas passando ou trocando materiais ao redor, recostei com o ombro ao armário.

— Sei que falar com ele te faz lembrar dela — falei, compassivo —, mas isso é porque os dois eram o espelho um do outro, quase uma pessoa só.

Sorrindo sem querer, Owen assentiu.

— Sim, eram... — disse, perdendo o sorriso tão rápido quanto veio. — Mas dói, John, você entende muito...

— Para ele também, Owen — persisti, sério.

Suspirando, ele fechou seu armário.

— Só que ele não estava lá — disse, refletindo por conta própria suas palavras. — Eu só preciso de mais um tempo, ele pode esperar, sabe que não vou a lugar algum.

O sinal tocou.

— Bem, vamos? — chamou, visivelmente grato pela interrupção.

Assentindo, seguimos em direção a sala.

Já à porta, demos de cara com as mesas juntas em pares, formando três fileiras, algo incomum nas aulas do Sr. Fitz.

De forma frenética, Owen batia com o cotovelo em meu braço, perguntando:

— O que ele está fazendo aqui?

— Ele quem? Onde?

— *Ele* — disse, apontando com o queixo para o último par de mesas à fileira ao meio.

Ah, *ele*.

Piter Ethan.

Estirado à cadeira com uma expressão de tédio, lá estava ele, o irmão dela...

Havia mesmo ouvido que ele tinha cumprido seu tempo no reformatório. Mas até aí, por que transferir para cá ao invés de voltar para a Sunset?

— Só porque eu estava de bom humor — resmungou Owen.

Consertando a postura logo que me viu, Piter virou o rosto.

Ele havia mudado praticamente nada. Com um corpo em forma, estava com a barba por fazer e o cabelo crespo escuro agora num corte estilo militar. Vestindo uma camisa de flanela xadrez azul e jeans surrados, calçava tênis brancos esportivos. Aparentemente, ele ainda não gostava de exageros.

Apesar do dinheiro da família, Piter nunca se vestiu de maneira muito extravagante, pelo contrário, parecia mais com um delinquente — especialmente no último ano. Sua arrogância estava mesmo no modo como falava, mas que nem sempre fora assim.

Olhar para ele me fazia lembrar dela, principalmente seus olhos castanho claro, iguais aos dela, de uma tonalidade que parecia roubar toda a luz ao redor para si.

Parado à porta, encarando-o por mais tempo do que eu me orgulhava, sobrou apenas um par de mesas.

Engoli em seco.

Honestamente, não sabia se estava preparado para encará-lo.

— Vamos logo — falei, empurrando Owen disfarçadamente. — Caso o contrário ele pode pensar que estamos intimidados.

— E estamos?

— Talvez um pouco — admiti.

Podia imaginar o porquê de as únicas mesas vagas serem as próximas dele.

Logo depois do acidente com a irmã no ano passado, Piter tomara uma série de más decisões. Todos na cidade sabiam e o evitavam, era um dos males de ser filho do prefeito, sua vida era praticamente pública. Mesmo que não quisesse, todos ainda comentariam que o filho do prefeito foi preso, era muito mais chamativo do que qualquer outra pessoa, em especial numa cidade pequena como a nossa, onde o tradicional boca a boca — vulgo rádio peão — ainda podia ser considerado uma das principais fontes de informação, se espalhando mais rápido que *sex tape*.

Sentando, Owen me fez o favor de ficar na frente de Piter.

Piter, porém, chegou para o lado, para trás de mim.

Desconfortável, enrijei as costas.

Tão próximos, me senti exposto, como se a qualquer momento ele fosse me esfaquear por trás ou furar meu pescoço com algum material.

— John, Owen — disse ele apenas.

— Piter. — Fui o único a responder, e vacilante.

— Sabem o que te dizem quando você deixa o reformatório?

Era agora, com certeza ele me apunhalaria agora.

— Não — falei.

Aproximando-se mais, bem próximo à minha nuca, Piter disse:

— Nada.

Sentindo meu coração acelerar, pensei que *aquela* então seria a hora.

— Até tinha alguns quadros na sala do diretor — continuou —, desses que se vê em posts de coaching mesmo, wallpaper de leão e tudo, e num deles dizia: O melhor remédio para paz de espírito, é o desfecho.

Erguendo uma sobancelha, quase virei para encará-lo.

— Mas me diga, John, como eu posso ter meu desfecho, se os responsáveis pela morte da minha irmã andam livres por aí.

— Piter... — avisou Owen. — Por favor, *não*.

— Você sabe o que é homicídio culposo? — perguntou diretamente para mim.

Engolindo, fiquei quieto.

— Homicídio culposo é quando uma pessoa mata outra sem intenção — explicou, elevando cada vez mais o tom. — Morte por acidente de negligência ou imprudência, e me diz se isso não soa *exatamente* como o que aconteceu com você e Hank naquele dia?

Permaneci calado.

— Sabe quantos anos um crime desses dá no estado da Califórnia?

Não respondi.

— Quatro!

— *Piter!* — repreendeu Owen. — Qual é, cara! Não precisa disso, você o conhece, éramos todos amigos pelo amor de Deus, o que...

— Aconteceu comigo? — deduziu Piter. — *Ele* aconteceu! Ele e seu orgulho idiota! Em volta, as pessoas começavam a notar a discussão.

— Ou vai dizer que ele não te disse? — perguntou. — Não, ele deve ter dito. Lembro até hoje quando ele veio falar para mim, estava praticamente implorando para que eu o surrasse — lembrou com revolta, claramente arrependido por não ter feito. — Ele queria pagar pela decisão estúpida de confrontá-lo. Afinal, foi *ele* quem deu corda, não precisava ter feito, mas fez e sabe disso!

Cerrando os dentes, distraído, não percebi Charlotte se aproximar até que, socando a mesa irado, Piter levantou, assustando a garota, que estava para sentar ao seu lado.

— Eu sabia que essa era uma péssima ideia!

Sem entender, e talvez até se perguntando se era com ela, Charlotte permaneceu em pé, olhando para os lados, piscando em confusão.

— Sr. Ethan? — Sr. Fitz chamou em vão, conforme Piter marchava à porta.

Sentado em sua cadeira, o professor suspirou, indiferente.

Sr. Fitz era um senhor de idade que, vestindo-se quase que sempre de maneira social, tratava de tudo e todos com o mesmo nível de desinteresse. Tendo perdido as esperanças em nossa geração há muito tempo — e sinceramente, não tirava a sua razão —, ele dava a *mesma* aula em todas as salas. E com isso, digo até as *mesmas palavras*, e sem qualquer entusiasmo já há anos.

Assim, quando Piter deixou a sala, o velho não se incomodou nenhum pouco. Muito pelo contrário, pois, levantando da cadeira, Sr. Fitz deu início a aula normalmente:

— Okay, chega com os murmurinhos — disse ele com aquela voz cansada e arrastada de sempre. — Caso estejam se perguntando do porquê do novo formato, é porque, bom, alguns de vocês parecem andar um pouco... *insatisfeitos* com a maneira como eu venho conduzindo as minhas aulas, ou assim diz o diretor Blake.

Ao lado, ainda relutante, Charlotte sentou atrás de nós.

— Então, decidi fazer algo um pouco diferente hoje — disse ele, caminhando até sua mesa. — A partir de cartões distribuídos aleatoriamente com salários, despesas mensais, contas antigas, novas e imprevistos, vocês devem simular o planejamento de contas de um casal... ou do que quer que esteja na moda hoje em dia.

— Então... basicamente vamos jogar banco imobiliário? — sussurrou Owen.

Atrás, Charlotte conteve o riso.

Olhei para Owen, que não percebeu.

— Hum... É o que parece.

Pois *realmente* era. Sr. Fitz podia ser um velho quase decrepito, mas ainda era sagaz, sua escolha de atividade com certeza não era à toa. Por mais que ele soubesse exatamente como ele conduzia suas aulas, ter aquilo apontado por um aluno — passando pelo diretor ainda — havia claramente o irritado, e ele estava debochando em resposta.

Apreensivo, Owen levantou a mão.

— Ahn, Sr. Fitz? — chamou. — Mas e quanto a Charlotte? Ela acabou ficando só. O velho franziu a testa enrugada.

— Charlotte?

Owen apontou para trás.

— Ah sim, a garota nova — lembrou.

— Ela poderia juntar-se a nós — sugeriu Owen descaradamente. — Quer dizer, ela já está aqui mesmo.

Sem pudor algum, Sr. Fitz riu.

— Obrigado, Sr. Blake, mas acho que já tenho o suficiente de alunos medianos. Até mesmo eu preciso ver um pouco de entusiasmo para com a matéria de vez em quando.

Pela sala, sons de constrangimento e risadas abafadas correram.

— Por que não se junta a Kate e Jules aqui na frente, senhorita? — sugeriu o professor ao invés. — Pode aprender bastante com elas.

Cerrando os punhos, Owen escondeu o rosto, mantendo a cabeça baixa conforme Charlotte passava ao seu lado.

Perfeito, agora estávamos os dois de *ótimo* humor.

Bufei.

— Desnecessário.

Sem perceber, eu começara a balançar as pernas, inquieto.

Para melhorar, essa aula também passou *extremamente* devagar, e pensar na que viria a seguir não me trazia ânimo algum.



Para o próximo período tínhamos a matéria que normalmente já era a mais arrastada. Bastante teórica, se eu não prestasse atenção o suficiente, não entendia bulhufas do que estava acontecendo. E por algum motivo, hoje em especial essa aula me deu *nos nervos*, pois, perdendo o foco com absolutamente *tudo*, senti *cada* segundo daquela aula passar.

Estava falando de Biologia Ap. — eu sei, Owen em biologia Ap.? Ap.? O mesmo cara chamado de *aluno mediano* pelo próprio professor?

Sim, esse mesmo.

De fato a matéria era uma das mais difíceis da grade, daí o Ap.: Aplicada. Entretanto, essa era a aula de maior importância para Owen, que sonhava em se tornar veterinário, como a mãe, Marta, além de assumir a clínica da família que costumava ser administrada por ela antes de falecer no final do ano letivo anterior.

Apesar de brincalhão, a matéria era muito importante para ele, que nunca agiu com descaso na aula, restringindo diálogo até mesmo comigo, conversando apenas assuntos relacionados a matéria e constantemente interagindo com a Srta. Mitchell. Owen virava literalmente outra pessoa nesse meio tempo — ou, na verdade, *voltava* a ser um pouco como costumava, porém mais sério.

Desde pequeno ele visitava sua mãe na clínica, e já naquela época sonhava em seguir a carreira. Depois do que aconteceu, ainda mais com as dificuldades que teve, estudar Biologia deve ter sido o mais perto que conseguiu se sentir dela — uma vez que evitava completamente o assunto com o pai.

E quanto a mim? Estava ali por ele, não tinha a intenção de fazer a aula inicialmente. Embora eu conseguisse acompanhar, era *realmente* difícil.

Então por que eu fazia? Bom, outra coisa que precisa saber sobre Owen e eu, era que tínhamos *todas* as aulas juntos.

Antes mesmo das aulas começarem, Noah — pai de Owen e diretor da escola —, me abordara pedindo permissão para mesclar nossas aulas, alegando que Owen já não era o mesmo em casa, que eles não conversavam mais como antes e que o único momento em que ele agia como ele mesmo era quando eu estava perto.

Aceitei sem me importar. E, sinceramente? Não faço ideia de como nunca o estapeei até desmaiar, cansado de olhar tanto para o mesmo rosto todo dia, *a todo tempo*. Antes já tínhamos a maioria das aulas juntos, mas *todas* elas desde o início do ano letivo?

Estar ali, porém, até que tinha seus benefícios. Por ser uma aula avançada, os créditos eram altos, assim tínhamos mais aulas livres na semana, usando do tempo para conversar, terminar atividades que não fazíamos em casa, e às vezes, inclusive, eu usava para correr ou treinar ao campo, enquanto Owen procrastinava à arquibancada. Coisas do tipo.

Ao contrário do que muitos professores e alunos pensavam, Owen não era burro, mas *muito inteligente*, além de bastante esperto, em geral com um excelente julgamento. Ele era, além de tudo, o aluno destaque em Biologia, com notas *perfeitas*, e, apenas por esse motivo alguns ainda o respeitavam, sabiam que ele possuía potencial, mas algo sempre o impedia de se esforçar no restante das matérias, e não era a preguiça, pois houve uma época em que só tirava notas altas, *bem* mais altas que as minhas, aliás, e adorava se gabar.

Está certo que, uma queda de desempenho era de se esperar, ele perdera a mãe, afinal. Qualquer um ficaria triste demais para se dedicar aos estudos. Mas não era esse o caso de Owen, pois ele havia *deliberadamente* parado de se importar. Se pudesse deixar de fazer algum exercício, como qualquer atividade menor, complementar, ou tarefas em duplas que pudessem na verdade ser feitas com facilidade por uma pessoa só — ou seja, eu —, ele simplesmente desconsiderava. Não sentia qualquer vontade de se esforçar para nada que não fosse Biologia.

Sempre suspeitei ter um motivo por trás, talvez um que nem mesmo ele soubesse, porque se sabia, não imagino o que pudesse ser para nunca ter me contado.



## Então, o chamado

**Tínhamos Educação Física após o intervalo** — no qual Owen, procurando pagar de bom samaritano, caçou quase que incessantemente por Charlotte, para convidá-la a almoçar conosco. Porém, ele não a encontrou.

Já mais tranquilo, Owen até decidira participar da aula — costume que ele não tinha, a menos que o treinador Howard o arrastasse pela orelha. Ainda, Owen não era lá muito bom em esportes, mas provavelmente achou que não pegaria bem procrastinar na aula quando já havia sido difamado como aluno mediano.

Deixando o vestiário, alcancei-o ao ginásio.

— Não vai jogar? — notou pela minha roupa.

— Nah, acho que vou ocupar seu cargo dessa vez. — Pelo visto, o único.

Observando o arredor, não havia ninguém às arquibancadas.

— Estou com um pouco de... ahn, vertigem? — falei, balançando a cabeça. — Teria sorte se acertasse a bola, quem dirá a cesta.

Owen parecia surpreso.

— Uau — disse ele —, o *astro* Johnathan Hayne?

Semicerrando os olhos, tive vontade de...

... socá-lo.

Odiava quando ele falava assim.

Repentinamente, então, de sorridente, sua expressão se tornou insegura.

— Cala a boca. — Mostrei o dedo.

— Quê? — perguntou sem entender, desviando o olhar constantemente para alguma coisa acima do meu ombro.

Segui seu olhar.

— Pelo visto Charlotte não vai participar de nenhuma atividade — disse ele.

— Mas hein? — indaguei, surpreso ao encontrar, ao meu lado, a garota sentada bem ao centro da arquibancada em degraus. — Quando é que ela foi parar ali?

— Hum, talvez no meio minuto que você ficou parado encarando o nada? — sugeriu.

Achando que ele estava tirando uma comigo, ri.

Demonstrando seriedade, porém, Owen balançou a cabeça.

— Cara, ela passou *por trás* de você. Até me cumprimentou.

Franzi a testa.

Ela tinha?

— Acho que você não está bem mesmo — disse ele. — Não quer ir à enfermaria?

Ergui uma sobrancelha.

— Para de falar asneira, estou bem, é só... uma enxaqueca ou algo do tipo.

Ele revirou os olhos.

— Nunca te vi ter enxaqueca — contestou.

— Já falei que estou bem — retruquei. — E aliás — falei, apontando para trás —, aí está mais um motivo para não jogar, não quero te humilhar na frente da garota que quer impressionar. Afinal, nem se eu tentasse *muito* conseguira jogar pior que você.

Em resposta, Owen fez uma careta.

— Se vai ficar de teimosia — disse ele, voltando a olhar a garota —, não se importaria de perguntar *discretamente* à Charlotte o que ela pensa sobre mim? Tipo, as impressões dela até agora, quem sabe até... ahn, tentar me vender um pouco?

Encarei ele.

— Então é a isso que eu fui rebaixado... — murmurei, dando de ombros. — Tá vai, por que não? — concordei, levando a mão até seu ombro. — Não é como se eu pudesse ser mais indiscreto que você.

Outra careta.

— Hayne, Blake! — O treinador Howard chamou da quadra.

— Avisa ele para mim — pedi.

Assentindo, antes de ir ele acenou com a cabeça para onde Charlotte estava.

— Tá, tá, pode deixar.

O primeiro passo era fácil.

— Se importa se eu me sentar aqui? — apontei para o lugar próximo a ela.

— N-não, pode sentar — respondeu, o tom baixo.

E foi ali que eu lembrei que já para o segundo passo, eu não tinha a *menor* ideia do que fazer. Às vezes esquecia da minha total e completa falta de noção de interação social.

Ficando em silêncio por uns dois minutos, tentava pensar num assunto que tendesse naturalmente para Owen, para não perguntar dele sem mais nem menos.

Enquanto isso os times se formavam, com Owen já ao lado direito, usando um colete vermelho por cima da camisa. Quanto as garotas, todas passavam com roupas de corrida para a porta à direita do ginásio, para a pista de corrida ao redor do campo.

Me perguntei o porquê de Charlotte não se unir a elas.

Decidindo apenas dizer algo para afugentar o silêncio — esperando o melhor a partir daí —, só com o que consegui surgir foi:

— Seu sobrenome — falei, pegando-a de surpresa, inclusive. — Na aula de História, você disse seu nome, mas não o sobrenome.

Arqueando as sobrancelhas, ela me estudou.

— É Miller, Charlotte Miller — respondeu, um pouco sem jeito.

Ouvindo seu doce tom de voz, senti novamente aquele sentimento de familiaridade.

— Sou John — me apresentei, estendendo a mão —, Johnathan Hayne.

Charlotte hesitou, seu sorriso vacilando.

Com a mão ali parada, não tinha certeza se guardava ou não.

*Cara*, eu não havia aprendido *nada* com os infinitos memes de *faux pas* envolvendo apertos de mão? *Por que fiz aquilo?* A gafe...

— Prazer — disse enfim, decidindo cumprimentar.

— Iguamente — falei, sentindo brevemente o veludo da luva, pois ela ligeiramente puxou a mão de volta.

Tentei não parecer constrangido.

O que mais eu podia dizer? Não fazia ideia. Aquele era todo meu pobre arsenal.

— Você é a primeira pessoa para quem eu me apresento — comentou, abraçando os braços. — Para quem estava com medo de ter que se apresentar em frente à turma inteira em alguma aula, eu deveria estar feliz, certo?

Observando ela, quase ri.

— *Sim*. Acho que a última vez que vi isso acontecer foi no primário — falei. — Aqui, no máximo algum professor pergunta seu nome para toda a sala ouvir.

— Ah.

Curiosamente, ela parecia mais desapontada do que de fato aliviada.

— Se quiser se apresentar para mim — propus.

— De novo?

— Sim, mas dessa vez, quero o *de verdade*, faz tempo que não vejo isso.

Considerando, ela balançou a cabeça gentilmente.

— Acho que não... — negou, ainda assim meiga.

Relaxando os ombros em desânimo, bufei.

Contudo, seguindo com o olhar para a quadra, tive uma ideia.

— Se você não quer *mesmo*... — falei. — É claro que, sempre tem como dar um jeito.

Ela ergueu uma sobrancelha.

— O que quer dizer? — perguntou, desconfiada.

— Já conheceu o treinador Howard?

Charlotte desviou o olhar.

— Sim, eu... ahn, já tive uma conversa com ele.

— E por acaso notou que para idade, ele é bem... disposto?

— Disposto? — replicou sem entender.

Com um sorriso convencido, assenti, apontando para o treinador à quadra.

Howard Matthews era um senhor de sessenta e tantos anos que — já próximo de se aposentar — tinha o sorriso mais simpático que você veria num rosto tão velho. Calvo e magro, ele estava em forma até, com uma pele quase tão branca quanto os fios da barba grossa, vestindo sua regata com o nome da escola e o calção de costume.

— Sabe como dizem que pessoas mais velhas não se importam com nada? — falei, travesso. — Porque estão sempre cansadas para se preocupar com os outros e tals? Bem, o Sr. Fitz era o extremo mais chato da coisa. Eu lhe apresento o outro.

Observando o treinador, Charlotte ainda tentava entender aonde eu queria chegar.

— O que será que aconteceria se eu dissesse para ele que ninguém ainda teve o prazer de conhecer Charlotte Miller? — provoquei.

Ela semicerrou os olhos para mim.

— Você não...

— Vai pagar pra ver? — desafiei-a antes mesmo de terminar a frase.

Incrédula, Charlotte apertou o sorriso.

— Vamos lá, vai ser legal — falei, tentando a encorajar. — Começa com seu nome, inteiro por favor — provoquei —, a cidade onde morava antes, a escola que frequentava, o motivo pelo qual veio para cá e o mais importante, conte um pouco sobre você.

Ela riu.

— Não está falando sério, está?

— *Seríssimo*.

Assentindo devagar, ela me fitava.

— E eu achando que você pudesse ser um cara legal... — resmungou, arrumando a postura. — Enfim, meu nome é *Charlotte Tate Miller*...

Começando bem, fiz sinal de joia para ela.

— ... vim de Saint Paul, Minnesota, e nunca frequentei uma escola antes dessa, era educada em casa. — Ela fez uma pausa. — E, o motivo pelo qual vim para cá, é porque meu pai é um babaca que aceitou uma oportunidade de negócios sem consultar ninguém.

Perdi a expressão.

— *Uau...* — Foi só o que consegui dizer. — Isso foi... de zero a cem do nada.

Assentindo, ela sorriu.

— Está tudo bem — disse Charlotte, sua intenção claramente não era tornar as coisas estranhas. — Vamos ver o que falta... — murmurou, contando nos dedos. — Ah, sobre mim não tem muito o que falar. Como eu disse fui educada em casa, não conhecia muita gente, mas para não dizer que não tinha amigos, até tinha essa garota com quem eu era bastante próxima, mas que sumiu de repente — contou, cabisbaixa. — Hum, também não tenho muitos hobbies além de assistir filmes, séries, ler e escutar música.

Arqueei as sobrancelhas.

Filmes e séries, hã?

Apesar de empolgado, me contive:

— Está na cidade há quanto tempo?

— Uma semana — respondeu.

— Impressões até o momento?

Charlotte pensou um pouco.

— É uma cidade bonita, muito bem cuidada, aliás. Mesmo fora da minha vizinhança parece um lugar tranquilo.

Assenti.

— E é, não acontece muita coisa aqui. Mount Summer é só mais uma cidadezinha pequena da Califórnia — falei. (LOL.)

— Hum, não saberia dizer. Nunca viajei para outra cidade antes.

Fitando-a, pisquei.

— Começou bem hein.

Ela riu.

— Atravessando metade do país — assentiu.

— Até Mount Summer de todas as cidades.

E lá se foi qualquer chance de eu já a ter a encontrado antes. Como ela, eu não tinha muita experiência em viagens, saíra da cidade pouquíssimas vezes, e sempre no mesmo estado. Mas, ainda assim, alguma coisa sobre a garota me intrigava.

— Por que entrou na escola agora? — perguntei, curioso. — No último trimestre?

— Eu também não sei — respondeu bufando. — Não queria entrar praticamente no fim do ano, mas minha mãe insistiu — explicou. — Acho que ela está aproveitando para mudar um pouco as coisas. Começando com sua superproteção.

Sobre aquilo ela parecia aliviada.

— É um pensamento muito bom. Afinal, são novas oportunidades — falei. — Alguma coisa em particular que você queira mudar também?

Ponderando, Charlotte me observou.

— Fazer novas amizades, talvez.

Um pouco sem jeito, assenti.

— E sente falta de lá? — perguntei — De St. Paul? Só faz uma semana, mas...

— Vivi minha vida toda lá? — deduziu. — Honestamente, nem tem muito pelo que sentir falta. Além de não costumar sair, também morávamos numa parte mais afastada da cidade, então... Acho que só vou sentir falta das raposas, especialmente dessa que eu costumava ver desde criança. Sempre gostei de pensar que ela vinha só para me visitar.

Ergui uma sobrancelha.

— Desde criança? — perguntei. — A mesma?

— Sei o que está pensando — disse ela. — Mas essa... Deixa pra lá, é bobo.

— Não, por favor — insisti.

Me estudando, podia ver que ela decidia se eu falava sério.

— Ela tinha essa cauda *enorme* e... simplesmente linda — contou, distante. — Tudo sobre ela era... *a mais*, sabe? O tamanho, como andava, até mesmo o vermelho e o branco do peito. Costumava passar horas a observando. Enquanto ela mesma não fosse embora, ou minha mãe me tirasse dali, eu não parava de admirá-la.

Notando que os dois sorriamos, desviamos a atenção para a quadra.

Ao jogo de basquete, o placar já estava doze a cinco para o time adversário, também com duas faltas. Perdido, Owen corria, esperando algo acontecer ao invés de agir — o que era melhor até, ele tinha um péssimo timing para interceptação de bola.

— Vamos, Owen — falei baixinho, mas audível, disfarçando.

— Ahn... mais cedo — disse Charlotte —, aquilo que o professor de Economia disse sobre Owen — lembrou, apontando para o próprio. — Ele não me parece um aluno tão desleixado assim. Vocês dois são amigos, né? O que me diz?

Franzi a testa, surpreso não apenas com a minha chance se apresentando de bandeja, mas com a iniciativa.

— Olha, Owen... não vou mentir, suas notas são sim medianas, mas ele *é* inteligente, só é *meio* preguiçoso às vezes — falei, *omitindo* um pouco. — Legal você ter perguntado, não ter ido pelos outros.

Seu olhar caiu sobre as mãos.

— Só para avisar, não estou indo por você também. Acha que não vi que andam para cima e para baixo juntos? — disse. — Certeza de que não é suspeito para falar?

Arqueando as sobrancelhas, novamente surpreendido, levantei as mãos.

— Tá, me pegou — confessei. — A verdade é que... ele é *muito* preguiçoso, e sim, ele não costuma fazer algumas atividades, e sim, foi por isso que o Sr. Fitz reagiu daquela forma. — Então, me ajeitando para frente, fiquei sério. — Mas não acho que é a preguiça que o impede, tanto quanto a vontade de *não fazer*.

Franzindo a testa, Charlotte não escondeu o desentendimento.

Ciente de que eu talvez não tivesse feito o melhor uso de palavras, esclareci:

— Owen tem mesmo ficado mais preguiçoso ultimamente, sem qualquer ânimo para se esforçar em praticamente nada — contei. — Mas não menti quando disse que ele é inteligente, porque em tudo que ele se propõe a fazer, não precisa de muito para ir bem. Por isso eu digo que se ele está assim, não é porque é um daqueles alunos que só tem isso a oferecer. *Não*. Ele está assim porque é *exatamente* o que quer. E, sinceramente, às vezes acho ele tem que se esforçar para *não* elaborar o pouco que faz.

A expressão ao rosto de Charlotte ainda era de confusão.

— Mas por quê? — perguntou. — Por que ele deixaria de se esforçar de propósito? Desviando o olhar, engoli.

— Digamos que... Owen passou por algumas coisas — limitei-me a dizer.

Uma explicação bastante conveniente, eu sei. Infelizmente, era tudo que me sentia confortável em contar a ela por enquanto. Apesar que, considerando meu tom e mesmo esses poucos detalhes, não era tão difícil assim imaginar.

É, não mesmo, pois, observando caridosamente Owen à quadra, Charlotte assentiu.

— De qualquer jeito — disse ela. — O que o professor disse... Não foi legal.

— É — concordei, balançando a cabeça negativamente —, não foi mesmo.

Virando para mim, ela me estudou.

— Vocês parecem bem próximos — observou. — Não têm outros amigos?

Balançando a cabeça outra vez, bufei.

— Nós não somos muito bons com as pessoas, sabe? Eu porque prefiro não socializar mesmo, não sinto a necessidade — falei com honestidade. — Owen... ele é todo o amigo que preciso, nos conhecemos desde sempre, sei que ele tem minhas costas mais do que muita gente com vários amigos.

Com certa admiração, Charlotte assentiu.

— E ele? — perguntou.

— Owen? — Consegui rir. — Aposto que ele adoraria se livrar de mim, mas tem um pouco de dificuldade em conversar e confiar nos outros. Felizmente para mim eu acho, porque se fizesse, eu quem teria que começar a caçar um jeito te chamar sua atenção.

Sorrindo para mim, imaginei que fizesse sem perceber. Tanto é que, logo que notou, desviou com o rosto de volta para a quadra, subitamente interessada no jogo.

— Ei, posso fazer uma pergunta? — perguntou sem virar.

Olhando ela, para como estávamos tendo uma conversa naturalmente interessante e agradável, eu até *queria* que ela perguntasse mais — o que, para mim, era extremamente curioso. Por algum motivo, sempre tive essa tendência a não querer interagir, como uma estranha coceira me alertando para ficar longe. Conversando com Charlotte, porém...

— Manda — falei.

Levando algum tempo, ela finalmente perguntou:

— Ainda na aula de Economia, o que foi aquilo com aquele garoto? A maneira como ele gritou com você e saiu da sala. Tudo pareceu bastante... intenso.

Assim que ela tornou para mim, esquivei com o olhar.

— Ah, aquilo? Não foi nada demais — menti. — Só uma desavença boba.

Apesar de parecer não comprar a resposta, Charlotte decidiu não insistir.

Então, só porque achei que estava indo tudo bem, comecei a balançar as pernas, de repente desconfortável — mas é claro. E, como se não bastasse, vindo para somar, uma súbita enxaqueca me atingiu.

Grunhindo, debrucei instintivamente, levando ambas as mãos à cabeça.

— John? — espantou-se Charlotte. — Você está bem? — perguntou, levando a mão até mim.

Enxergando um clarão, ouvi uma voz ecoar em minha mente, no entanto, contínua, não havia palavras para dar sentido a ela, que soava mas como... uma risada?

Voltando a mim, afastei-me.

Constrangida, Charlotte piscou, mas antes que conseguisse esboçar qualquer outra reação — mesmo a de puxar a mão de volta —, teve sua atenção roubada para a quadra.

Tentando seguir seu olhar, minha cabeça latejou imediatamente, e outra vez eu me encolhi, apenas ouvindo o tumulto.

Sentindo como vibrações ao crânio, engoli o desconforto quieto, além do sentimento de desorientação — *mesmo sentado* —, com a visão duplicando.

Levantando, Charlotte chamou por Owen, que vindo rápido, abaixou diante de mim, preocupado.

— John? O que aconteceu?

Quando eu não respondi, ele repetiu a pergunta para Charlotte:

— *O que* aconteceu?

— E-eu não sei! Do nada ele começou a passar mal — respondeu ela, nervosa. — O que foi aquilo na quadra?

— O Neil desmaiou do nada — respondeu. — Quer dizer, ele já estava meio distraído mesmo, ficava olhando para os lados toda...

— *Owen* — chamei ele. — Se puder me ajudar — falei com dificuldade —, acho que vou fazer aquela visita à enfermaria agora.

Não vi sua reação, mas julgando pelo intervalo da resposta, devia ser de surpresa.

— Claro — disse ele. — É... a Srta. Perry vai receber *muitas* visitas hoje. Inclusive, Charlotte, o treinador pediu para você encontrar com ele lá na enfermaria. Disse alguma coisa sobre “a sua condição” — gesticulou as aspas.

Com um sobressalto, Charlotte agitou-se repentinamente, até que, dividindo o peso entre os pés, mostrou-se indecisa em relação a algo.

— Obrigada! Acho melhor eu ir na frente então — decidiu, descendo a arquibancada apressadamente. — Sim, aí já aviso para eles esperarem mais um!

— Espera — chamou ele — Você pelo menos sabe onde... fica? — perguntou, mas ela já tinha ido. — Hum, estranho.

— *Falando em estranho.*

— Ah sim! Desculpa — lembrou. — É, você realmente não está bem hoje.

— *Não brinca.*

Revirando os olhos, Owen levantou.

— Okay, ô mal-humorado — reclamou, estendendo a mão. — Vem.

Pegando-a, levantei, mas ao ouvir o som das portas do ginásio baterem — certamente com Charlotte passando por entre elas —, um ruído crescente subiu à cabeça.

Juntamente, senti o coração acelerar, seguido por um choque aos músculos do corpo e, ainda, uma dor aguda que pareceu partir desde o centro da cabeça, percorrendo todo o caminho até meu ouvido, onde estourou num zumbido.

Caindo de volta ao degrau, gritei.

— *John!?*

Tapando as orelhas com toda minha força, o barulho não diminuiu. *E persistindo*, era como se de alguma forma, viesse tudo de *dentro* da cabeça.

Sentindo-a pesar, debrucei-me novamente, apoiando os braços às coxas.

Enquanto isso, Owen me olhava com angústia ao tentar conversar comigo. E sua voz, estranhamente, soava cada vez mais como um eco distante para mim.

Também ansioso, sinalizei para ele se acalmar, pedindo silêncio.

Inspirando e expirando, consegui controlar a respiração o suficiente para amenizar a dor, mas sem cessar completamente. Podia sentir que continuava ali, de fundo, pulsando como um lembrete de que a qualquer momento poderia explodir de novo.

— Okay... estou melhor — falei, mais esperançoso do que realmente certo. — Acho que consigo levantar agora.

Aliviado, Owen suspirou.

— Vamos, antes de você me dê outro susto — disse ele.

Assentindo, levantei com a sua ajuda outra vez. E, embora eu conseguisse ficar de pé, Owen não arriscou me deixar andar sozinho, segurando-me pelo caminho.

Descendo a arquibancada com cautela, eu andava devagar, com medo que qualquer maior movimento pudesse acarretar noutra série de dores. E, tudo para — ao deixar o ginásio para o corredor — esbarrar numa garota vindo rapidamente em nossa direção.

Apoiando-me com o cotovelo para a parede, eu sentia a enxaqueca ameaçar voltar, então, respirando fundo, fiquei imóvel, concentrando-me para tentar contê-la.

— Johnathan! — chamou a garota.

— *Shhh!* — reclamei, permanecendo parado. — Espera, o quê? — E virei.

Assim que fiz, uma dor aguda me atingiu à cabeça.

Xingando, apoiei com as costas para a parede, voltando as mãos para a cabeça baixa.

— Te conheço, por acaso? — grunhi com rispidez.

Esperando ela responder, massageei os lados da cabeça, na esperança que adiantasse de algo. Não adiantou.

Erguendo o olhar, encontrei a tal garota me observando, mais imóvel que eu — talvez percebendo que abordara o Johnathan errado.

Do outro lado, Owen também encarava a garota sem entender nada.

Chegando um pouco mais perto, ele inclinou a cabeça: *Alo?*

Estudando ela, a reconheci de algumas vezes em que havíamos trocado olhares aos corredores. De altura média, sua pele era morena clara, cabelo castanho ondulado com franja e belos olhos âmbar que, certa vez, me prenderam tanta a atenção que nem reparei observá-los por tempo demais — lembro-me, inclusive, de ter recebido um sorriso.

Vestindo short jeans de cintura alta e moletom camuflado curto, a garota exibia uma barriga e pernas torneadas. Com um corpo já bastante maduro para idade, era mais uma daquelas que passaria facilmente por no mínimo uns cinco anos mais velha.

Consequentemente, era do tipo que tinha a atenção da escola inteira, *por onde quer que passasse* — embora eu nunca a tivesse visto dar bola para alguém ou se quer conversar com alguém fora do seu grupo. Logo, imaginá-la *me* procurando era uma ideia tão ridícula que até mesmo disparava mais enxaquecas.

— É a primeira vez que falo com você — disse ela finalmente, como se em transe.

Encarei ela sem entender.

*Igualmente?*

Ela balançou a cabeça.

— Precisa correr para sua casa, John — disse em tom de alerta.

— *Quê?*

— É, *quê?* — enfatizou Owen.

Passando pela garota, ele tentou aparecer à frente dela para intermediar, mas com ela vindo cada vez mais para cima de mim, havia menos e menos espaço para ele se encaixar.

— Não temos tempo, você precisa voltar para casa agora! — insistiu.

Com dificuldade em entender *por que diabos* uma completa estranha me mandaria voltar para casa, consegui apenas olhar com desdém para a situação.

Reparando, ela revirou os olhos.

— Quer saber? — disse, empurrando Owen da frente e me puxando pela gola.

— *Uou!*

— *Mas que...*

— Aqui.

Levando seu celular até minha orelha, de repente ouvi:

— John...

Reconhecendo a voz, engoli, e com um estridente calafrio à espinha que até mesmo cortou a enxaqueca na hora, estremei.

Não era o Johnathan errado.

— P-pai?

Owen, que se recuperava com uma expressão nada contente, parou, surpreso.

— ...não tenho tempo para explicar, então preciso que você me escute e escute bem, eu... — Ele suspirou. — Eu estou deixando o escritório agora para te encontrar em casa, onde eu *preciso* que você vá imediatamente, okay? Vou tentar chegar o mais rápido que eu puder, mas eu preciso que você esteja lá quando eu chegar, então *tem* que ir para casa. Me entendeu, Johnathan? *Imediatamente.*

— M-mas por quê? — questionei. — O que aconteceu?

— Eu sei que vai ser difícil de entender — disse ele. — Mas preciso que você confie em mim, e confie em Emily. Não temos muito tempo. Sua mãe e eu explicaremos tudo assim que eu chegar.

— Pai! Espera! Do que...

Soltando-me, a garota levou o celular para frente do meu rosto, e a tela acendeu.

Era um áudio.

Tomando o aparelho da mão dela, olhei o perfil.

Era *de fato* o número dele, e o áudio era todo seu histórico de conversa.

*O que estava acontecendo?*

Então, notando outra coisa, perdi a expressão.

A mensagem era de dois minutos atrás, não muito após as dores de cabeça iniciarem. Será que... *Não*. Com certeza era apenas uma coincidência bizarra.

— Era mesmo seu pai? — perguntou Owen. — O que ele disse?

Assentindo, respondi ainda em choque:

— Para eu ir para casa...

Franzindo a testa, Owen virou para a garota, provavelmente pensando o mesmo que eu. E, quieto, esperou uma reação minha.

A garota, no entanto, guardou o celular impacientemente, e buscando meu olhar com seu rosto, segurou minhas mãos.

— John, não há tempo para hesitação, você *precisa* ir — disse ela, persistente.

— Por quê? — questionei, confuso. — *O que está acontecendo?* E o que *você* tem a ver com isso?

A menos que fosse uma situação como a daquele filme *Celular*, eu não conseguia entender por que meu pai reportaria uma emergência para uma completa desconhecida ao invés de, sei lá, o *diretor* — além de amigo da família há quase *vinte anos*.

Contudo, eu não conseguia nem conceber um cenário onde uma situação dessas seria possível. E, apesar disso, ainda queria tentar, queria complicar para, assim, tentar *ignorar*. Pois, quanto mais eu considerava, mais simples se provava a solução: Eles se conheciam.

E de fato, afinal, ele não havia me pedido para confiar nela?

*Qual* era a relação deles?

Eu não queria pensar demais naquilo, meu cérebro já me pregava peças demais como era. Infelizmente, era difícil descartar aquela parte imediatista de mim que não conseguia *não* querer respostas antes de tudo. E, simplesmente dizer que vai ser difícil de entender, apenas para não dizer, não tornava aquilo nenhum pouco mais fácil de aceitar.

Sentindo o coração acelerar em ansiedade mais uma vez, esperei por outra sequência de dores à cabeça, mas nada veio.

— John... — Ela olhava para mim como para um animal de rua machucado. — Não cabe a mim te contar.

Rindo com nervosismo, fitei a garota.

— Emily... não é? — lembrei meu pai comentar. — É esse seu nome?

Esboçando um sorriso simpático, ela assentiu.

— É alguma coisa com meus pais? — perguntei. — Eles estão com problemas?

Emily balançou a cabeça.

— Não, John, *você* que está, e dos grandes.

— Eu? Mas...

— Como eu disse antes — interrompeu. — Não cabe a mim te contar.

— Que tal para mim então? — sugeriu Owen, deslocado. — Eu juro que não conto.

Ela não se deu ao trabalho nem de virar para ele.

— Vamos lá, John, você *sabe* que isso não é nenhuma pegadinha distorcida nem nada do tipo. A esse ponto, com certeza deve estar sentindo que algo não está certo, que você mesmo não está bem, foi disso que se queixou agora pouco, não foi? — deduziu. — E deixa eu adivinhar, você não é do tipo que costuma se sentir mal.

Com meus olhos presos ao dela, engoli inexpressivo, sobre um mau pressentimento.

Suspirando, ela desviou o olhar, receosa, raciocinando com olhos ávidos.

— Certo, talvez eu seja o problema — concluiu. — Talvez por eu ter sido aquela que te trouxe a mensagem, porque estou relacionada de alguma forma a essa situação, você acha que pode conseguir uma resposta para agora, certo? Mas, e se eu for embora, John? Vai simplesmente ignorar tudo que ouviu e não fazer como seu pai tão desesperadamente pediu? Alguma coisa me diz que não.

Caminhando para trás, Emily começou a puxar suas mãos de volta, mas, assim que as senti começar a escapar, segurei forte.

Parando, ela piscou com surpresa, descendo com o olhar para nossas mãos e... ela estava corando?

— Está certo — cedi. — Vou para casa.

Voltando com o olhar para mim, Emily sorriu.

— Você *vai*? — replicou Owen ao lado.

Assenti.

— É como ela disse — falei, meus olhos ainda fixos nos dela —, isso obviamente não é uma pegadinha. Por enquanto, o porquê de *ela* ter entregado a mensagem é irrelevante. Meu pai foi claro, ele precisa de mim.

Observando-a ficar feliz com a decisão, me afastei devagar, nossas mãos se soltando.

— Vou procurar meu amigo e te encontrar na sua casa para tentar garantir que nada dê errado — disse Emily. — Se partir antes de eu chegar, nos encontramos no Instituto.

Assenti mesmo sem saber o que aquilo significava, e virando, comecei a correr.

Vendo tudo sem entender, Owen resmungou, mas logo veio atrás de mim.

— Vai mesmo fazer isso? — perguntou ele, me alcançando com dificuldade.

— Por que não faria? — questionei. — *Era* meu pai, Owen.

— Eu sei, é só que...

— É estranho — concluí. — Sim, acredite, *eu sei*.

— Sabe? — questionou ele. — Você lembra daquela garota, não é?

— Ah... — esforcei-me. — De vista? Sim. Mas não acho que é disso que está falando.

Ele bufou.

— Deixa pra lá.

Correndo pelos corredores, estávamos quase à entrada quando, chegando ao saguão, encontramos com alguém para quem eu *não* tinha tempo.

Parando, nos aproximamos devagar de Noah, pai de Owen, e diretor da escola.

Noah era um homem de olhar e expressão intimidadores. Alto e de braços fortes, ele era mulato e calvo. Qualquer um que o visse próximo a Owen saberia na hora se tratar de pai e filho, e não digo apenas pela feição semelhante, mas pelo questionável gosto para roupas de ambos. Mesmo agora, era difícil levá-lo a sério usando sua camiseta estampada do Nikola Tesla com um óculos 8 bits, escrito em baixo: Lide com isso — isso mesmo, o diretor.

Realmente, não era fácil.

— Noah... — falei quase que num resmungo. — Eu, ahn...

— Emergência familiar, hã? — disse ele. — Está tudo bem. Conversei brevemente com seu pai ao telefone, está liberado para ir.

Surpreso, franzi a testa.

Então meu pai *havia* falado com Noah?

— Obrigado — falei, passando por ele.

— Já *você*... — acrescentou, entrando na frente do filho.

— O quê?

— Você fica — ordenou ele.

Owen arregalou os olhos.

— *Pai*...

— Sem discussão — disse, levantando o indicador para silenciá-lo. — John terá que cuidar de seus assuntos sozinho. Encontrará com ele assim que puder. Até lá, tem algo muito importante que preciso discutir com você, e não pode esperar.

Bufando, Owen o encarou.

Owen não era alguém que costumava enfrentar o pai, mas, observando-me, parecia estar disposto a dar uma chance. Podia ver em seus olhos o receio que eu tivesse outro ataque no caminho e desmaiasse no meio da rua, acabando atropelado ou algo do tipo.

— Eu estou melhor, Owen — assegurei-o. — O que quer que tenha acontecido não está incomodando mais. Vou ficar bem.

Me estudando, ele decidia se acreditava em mim ou não. Mas, como à arquibancada, não parecia muito a fim de deixar para a sorte.

— Está tudo bem — reforcei. — E outra, é até melhor assim — fui franco.

Entendendo, felizmente Owen não levou para o pessoal, sabia que eu chegaria muito mais rápido se não tivesse que esperar por ele.

— Está bem... — desisti, os ombros caídos. — Mas depois quero saber *exatamente* o que foi tudo isso. E se você ainda não estiver melhor, eu mesmo vou te arrastar para o hospital!

Sorrindo, assenti.

— Até mais, Sr. Blake — falei.

Acenando com a cabeça em resposta, ele parecia *ainda mais* sério que o normal.

— E Johnathan — chamou ele, olhando para mim com aquele seu rosto difícil de ler, dessa vez, parecendo estar... triste? Apreensivo? — Feliz aniversário.

Era o feliz aniversário mais melancólico que eu já devia ter recebido na vida, mas não reclamei, nunca sabia dizer se Noah realmente queria dizer o que seu rosto passava, pois suas expressões costumavam mesmo tirar o melhor dele.

Com uma expressão naturalmente rígida, além de uma voz grave que fazia com que tudo que dissesse soasse como um sermão, Noah podia ser aterrorizador. Diversas vezes quando criança eu sentira medo dele por causa disso, e ter que me encontrar com Owen na casa dele ao invés da minha, parecia até com meus pais querendo me colocar na linha, pois sabiam que eu nunca aprontava com ele por perto.

Ironicamente — ou nem tanto se considerar a camiseta —, era somente aparência. Noah era alguém bem divertido até, gostava de sorrir e, inclusive, compartilhava do gosto do filho por piadas e trocadilhos ruins.

Mas o semblante ao seu rosto naquele momento...

Ignorando, assenti para Noah em agradecimento, e, seguindo para fora do edifício, voltei a correr imediatamente.

Eu não era do tipo de ter mau pressentimento, acho que nunca nem sentira um antes, nem mesmo da vez em que perdi alguém que amava por conta de uma decisão estúpida... Logo, aquilo tinha que significar algo, certo?

Não fazia ideia, mas precisava chegar em casa o mais rápido possível. Se alguma coisa de ruim estivesse para acontecer, eu *tinha* que salvá-los.



# Adquira o e-book agora!

Gostou da prévia e tem interesse em saber como a história continua?

Acesse o link abaixo para a página do livro na Amazon, e se tiver o Kindle Unlimited, é só adicionar à biblioteca e aproveitar a leitura!

<https://bpazferreira.com.br/link-amazon>

Não se esqueça de avaliar após terminar, seguir o autor para mais novidades sobre a obra e compartilhar nas redes sociais e com amigos para aumentarmos o engajamento dessa futura comunidade!

Instagram: [@bpazferreira](https://www.instagram.com/bpazferreira)

E-mail para contato: [contato.bpaz@gmail.com](mailto:contato.bpaz@gmail.com)

Site do autor: [bpazferreira.com.br](https://bpazferreira.com.br)